



A. Ex - A

ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DA ESCOLA DE QUÍMICA - UFRJ

Rio de Janeiro, 17 de Maio de 1983.

Prezado Colega,

No próximo dia 09 de Junho de 1983, quinta-feira, será realizada uma ampla reunião para a qual estão sendo convidados os professores que atuam na área de química da Universidade, pertencentes às seguintes unidades:

- Escola de Química;
- Instituto de Macro-Moléculas;
- Instituto de Química;
- Núcleo de Pesquisas de Produtos Naturais.

Esta reunião pretende debater o fortalecimento da Química na UFRJ, seja pela fusão de diferentes unidades, seja pela criação de um Centro de Química.

Anexamos à presente o material já apresentado por diversos professores que atuaram numa comissão que preliminarmente tratou do assunto.

Solicitamos o seu comparecimento.

Cordiais saudações,

ÁLVARO DE SÁ

Presidente da Associação
de Ex-Alunos

Local: Auditório do GEO CIÊNCIAS da UFRJ (do Roxinho).
Dia : 09.06.83
Hora : 16:00 hs.



de
programa xistoquímica/polo piloto de xistoquímica/IQ-UFRJ

Of. 47

21 Dezembro 1982

Ilmo. Sr.
Dr. Álvaro Sá
D.D. Presidente da Associação dos Ex-Alunos da
Escola de Química da UFRJ
Rua Evaristo da Veiga, nº 16 - Sala 802
Centro - Rio de Janeiro - RJ.
Cep. 20031

Caro Álvaro,

Resolvi, finalmente, colocar em letras, as idéias que lhe expus, sobre uma possível reestruturação da Química na Universidade, nas várias vezes em que conversamos sobre o assunto.

A Química na UFRJ, tanto no ensino - de graduação ou de pós-graduação - quanto na pesquisa, devido ao próprio processo de crescimento, se depara, constantemente, com "crises", de causas e conseqüências as mais variadas; Pelas causas que discutirei a seguir, parece-me que este seria um momento oportuno para se apresentar uma proposta que permitisse uma "arrumação" geral dos diversos segmentos da comunidade de Química da Universidade.

Para tal, caberia, inicialmente, analisar alguns dos problemas que, no meu entender, representam as principais causas das dificuldades encontradas no funcionamento da Química em nossa Universidade na atualidade.

1. O primeiro a ser mencionado - por ser talvez, o de conseqüências mais profundas - é a dualidade Escola de Química - Instituto de Química como unidades de graduação de Química na Universidade. Essa dicotomia no ensino da Química se deve ao posicionamento histórico da Escola de Química no processo de reforma universitária, na época em que foram implantados os Institutos. Por razões de tradição, a Escola de Química foi mantida como tal, e foi situada no Centro de Tecnologia passando a ser responsável pelo ensi-

no da Engenharia Química.

A Escola de Química nasceu, cresceu e se impôs na sociedade brasileira como uma *escola de química*, isto é, uma instituição que se notabilizou pelo *ensino* da Química. A criação do curso de Engenharia Química na Escola, por muito meritório que possa ter sido na época de sua implantação, colocou a química num plano profissional completamente secundário.

O ser "Dr. Engenheiro" era muito mais importante, socialmente, do que ser químico. A filiação dos profissionais egressos da Escola passavam a ser feitas preferencialmente no CREA e não no CRQ. O próprio Governo discriminava o químico nos salários, colocando-os inferiores aos dos engenheiros, com base no número de anos do currículo. Enquanto isto, os responsáveis pela química no país preferiram, ao invés de lutar pela valorização profissional e social do químico, incentivar ainda mais a formação do engenheiro químico. Eu vivi "de dentro" esta luta pela "sobrevivência" da química. Quando professor da Escola ouvi de muitos dos alunos, que não viam necessidade de estudarem química orgânica, pois, afinal de contas, eles seriam engenheiros!

Uma reação a este estado de coisas foi aos poucos ganhando força, e a criação do Instituto de Química, embora visasse principalmente o desenvolvimento da química ao nível de pós-graduação e pesquisa representou o primeiro passo concreto para a revalorização da química da UFRJ. Note-se que o Instituto de Química continha na sua estrutura original a Divisão de Engenharia Química que, em pouco tempo, incorporou as vocações múltiplas da engenharia separando-se na COPPE, e deixando ao Instituto de Química o ensino exclusivo da Química no nível de pós-graduação.

A Escola de Química, com os objetivos de formação exclusiva do Engenheiro Químico, deixou de atender às necessidades da química no país o que fez com que o Instituto de Química, embora como instituto básico, se lançasse à formação do Químico.

A situação da Escola de Química é, no momento, dramática, pois se sabe que o Centro de Tecnologia pretende transformá-la no seu Departamento de Engenharia Química. Estruturalmente isto faz sentido, tendo em vista que sua função, hoje, é a de formação do Engenheiro Químico. O grande erro desta mudança seria o de eliminar um elemento de excelência, tradicional - prestes a completar o seu cinquentenário - de ensino nesta Universidade. Realmente o acervo cultural da Química no Rio de Janeiro está intimamente ligado à Escola (Nacional) de Química e, acho, não temos o direito de desprezá-lo. A existência desta instituição por meio século define uma tradição do ensino da química no Rio que só nos beneficiará, como sociedade, mantê-la. É portanto importante conservá-la dentro da estrutura universitária. Acho que a idéia de renovar é sadia quando a renovação é feita no sentido de aperfeiçoar os mecanismos tradicionais mas nunca de abandoná-los em favor de novos.

Os alunos (de química) do Instituto de Química estão procurando atualmente sua "identidade" e advogam, para isso uma separação total das turmas do IQ e EQ. Embora eu tivesse me pronunciado favorável a esta "cisão" há anos atrás, prefiro, hoje, adotar uma concepção diferente, que descreverei mais adiante.

2. Tem sido muito comentado nos órgãos financiadores que veem a Universidade "de fora", a divisão da Química, também no nível de pesquisa, que existe entre nós; existe uma Escola de Química, um Instituto de Química, o Núcleo de Produtos Naturais, o Instituto de Macromoléculas, e algumas outras unidades que representam a Química na Universidade, onde a pesquisa em química é feita sem nenhuma ação coordenada.

De minha parte não vejo mal nenhum em se terem vários órgãos de Química dentro de um organismo universitário, embora considere de fundamental importância a existência de um funcionamento coordenado entre estas instituições. Sou obrigado a reconhecer, neste ponto, que, embora exista um "status" de compreensão e de

entendimento entre estas unidades, não existe nada como uma coordenação real. São unidades totalmente independentes que poderiam somar esforços para uma química melhor na Universidade se fizessem parte de um mesmo organismo.

3. O ensino da Química ao nível de graduação e de pós-graduação está dividido por todos os órgãos de química da Universidade. Temos pós-graduação na Escola, no Instituto, no NPPN etc. Como no item anterior não acho mal a existência desses diferentes núcleos de ensino de pós-graduação e de graduação, mas reconheço também a necessidade desses diversos grupos serem organizados e coordenados dentro de uma estrutura maior. Haveria um benefício geral interno ao mesmo tempo que teríamos um organismo muito mais forte para o confronto externo.

Gostaria de enfatizar nesta altura, que sou particularmente contra as unificações e centralizações. Acredito muito mais nas coordenações, no entendimento entre os diferentes grupos sem lhes tirar a individualidade, mas reconheço, como disse, a necessidade de uma coordenação mais ostensiva para a Química na Universidade.

4. Há solicitações constantes da comunidade para a realização de serviços de análise, consultoria etc. Existe um atendimento esporádico, na base individual. Seria conveniente se a química da UFRJ pudesse se impor de forma mais positiva e organizada com relação a este problema. As tentativas - frustradas - de implantação de um SERQUIM (Serviços de Química) tentados no Instituto de Química devem ser reativadas numa estrutura mais ampla e atual.

5. A deficiência de cursos de pós-graduação "sensu latu", isto é, de cursos de aperfeiçoamento, treinamento e de atualização para a indústria etc, é uma área em que a química da UFRJ está totalmente omissa.

6. Há atualmente, um excesso inútil no número de formandos em Química e Engenharia-Química pela UFRJ, que, não encontram emprego.

49) Esses órgãos - Escola, Institutos e Laboratórios de Serviço - seriam congregados por um CONSELHO SUPERIOR DE QUÍMICA composto pelos diretores das diversas unidades, representantes da comunidade nas áreas da indústria etc, representante dos ex-alunos da Escola e Instituto, enfim uma comunidade maior, que pudesse permanentemente nortear os objetivos e avaliar os resultados e o desempenho tanto do ensino quando da pesquisa em Química da Universidade.

59) Como o IQ pertence ao CCMN e a EQ ao CT, a colocação do CSQ em qualquer destes dois centros traria certamente problemas funcionais. Melhor seria, pelo menos numa fase de experiência, que ele tivesse o "status" de centro, próprio (Centro de Química?).

69) Quem seriam os professores da "nova" Escola de Química? Seriam todos os professores vinculados do Centro de Química, isto é, aqueles vinculados à Escola de Química (que por qualquer razão não estivessem vinculados a qualquer projeto de pesquisa) e aos Institutos de Pesquisa. A todos estes professores caberia uma carga didática de 8 horas semanais a serem cumpridas no horário de 8 às 18 horas ao longo da semana, excluídos os sábados, de forma a se ter o ensino da Química na UFRJ sério e respeitado pela sua qualidade de dar ao profissional uma real preparação para uso pela sociedade brasileira.

79) Nesta organização, o vestibular (de Química) seria único para a Escola de Química, num total de, talvez, 90 vagas por período (180 vagas anuais) - ainda acho muito para a atual conjuntura, melhor seriam 60 vagas por período - correspondendo a três turmas de trinta alunos para cada aula teórica e de quinze alunos por turma de aula prática. Todos os alunos entrariam no básico de formação do Químico. Após o básico de 1 a 2 anos, o químico poderia seguir uma das especialidades: o QUÍMICO "sensu lato" voltado principalmente para a pesquisa e desenvolvimento. O QUÍMICO-ENGENHEIRO (equivalente ao que chamamos hoje de engenheiro-químico, mas que seria na verdade um profis

sional de química com bons conhecimentos de engenharia), com os objetivos profissionais bem definidos de *projetar* instalações industriais e o QUÍMICO-INDUSTRIAL, com atribuições de *conduzir* os processos industriais.

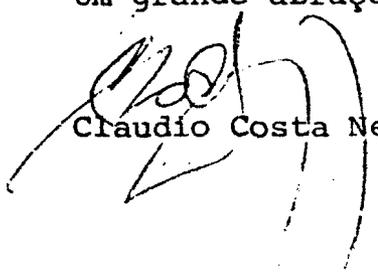
A definição objetiva das atribuições de cada tipo de profissional seria dada pelo seu currículo.

89) A implantação completa desta reforma se faria em três etapas:

Na primeira seria estabelecida a grande coordenação, sem maiores modificações da estrutura funcional atual. A segunda, se envolveria com a implantação da nova estrutura funcional com os devidos remanejamentos necessários, para, eventualmente, se atingir a terceira, que seria realmente onde esperaríamos chegar um dia, onde se teria a total reunião física de todos esses órgãos, numa instalação própria para a química (note-se que as instalações de química existentes hoje foram adaptadas em prédios não construídos para uso específico em química).

Caro Álvaro: esta é, em síntese, a proposta de "arrumação" da química na Universidade como eu a vejo hoje. Sei que o assunto certamente trará muita polêmica, embora a vantagem de se ter um documento como este, é principalmente o de ter algo concreto sobre o que discutir. Em sua defesa só me cabe dizer que ele foi concebido com o propósito puro e sadio de se conjugarem esforços em prol de uma química melhor na UFRJ, valendo-se das tradições que nela existem e com o fim de torná-la um elemento útil e indispensável ao desenvolvimento da sociedade brasileira.

Um grande abraço,

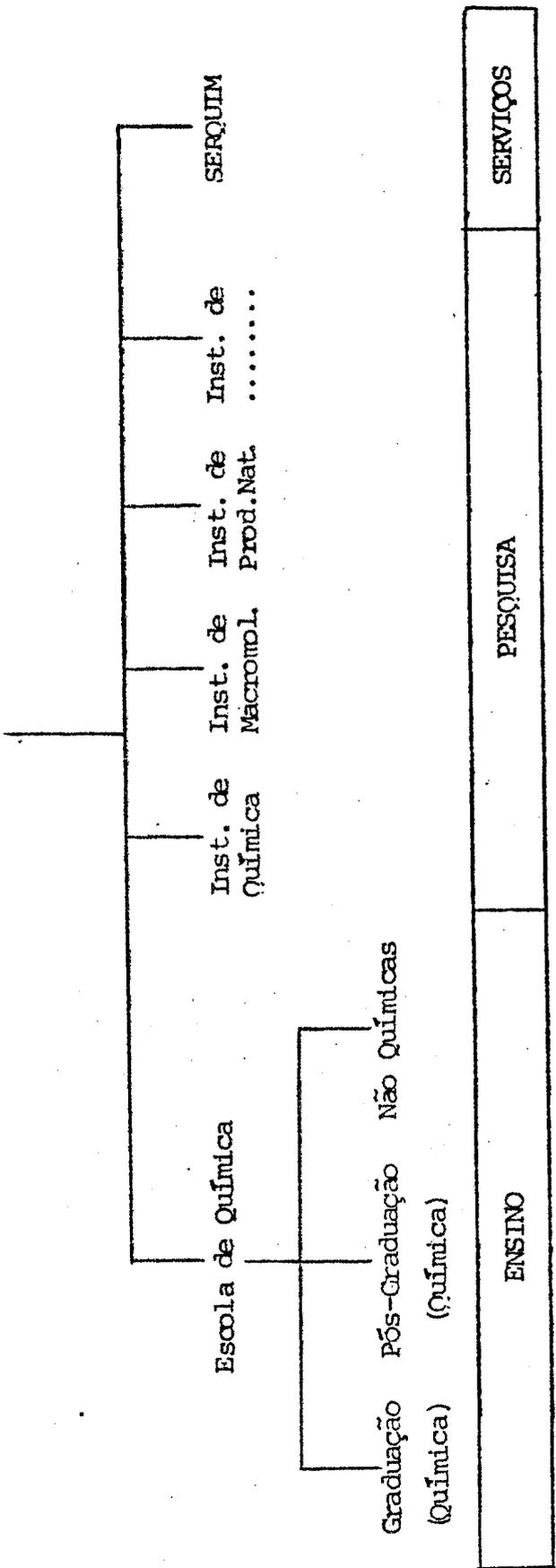


Claudio Costa Neto



FIG. 1 - ORGANOGRAMA PARA A QUÍMICA NA UFRJ (CENTRO DE QUÍMICA)

CONSELHO SUPERIOR DE QUÍMICA DA UFRJ



Concordo em genero, numero e caso com as considera-
ções do nosso colega Claudio Costa Neto e sua descrição da situação
da Química (e da Engenharia Química) na UFRJ. Devo dizer que reajo
contra a separação da Química e da Engenharia Química, porque ela
está arrasando a nossa profissão e prejudicando a obtenção de uma
tecnologia química própria em nosso país.

Ocorre que dualidade I. de Química/E. de Química, as-
sim como a existência de COPPE, I. Macromolecular, NPP e outros, dua-
lidade aparentemente constituindo pura insanidade, mas de fato ex-
primindo realidade mais grave: não decorre de tradição (sõ a E. de
Química é antiga), nem de política (a Lei 5.540 proibe duplicação
de entidades com a mesma atividade), nem de erro de apreciação; ela
é fruto de um estado de espírito, de uma luta entre químicos ditos
"puros" e engenheiros químicos, estes ingenuamente buscando "status"
e renegando sua identidade. Trata-se sobretudo de uma luta pelo po-
der, pelo feudo proprio, e até pelo "inferninho" proprio, pelo di-
reito ao voto dos inumeros Conselhos da UFRJ.

A duplicação de instituições para a mesma atividade,
contraria a Lei. Donde as dificuldades que a UFRJ hoje enfrenta pa-
ra levar ao Conselho Federal de Educação o seu novo Regimento. O que
explica o desejo não declarado, mas cheirando forte, de transformar
a E. de Química num Departamento de Engenharia Química do Centro de
Tecnologia. Desta maneira o Centro seria a entidade e ficaria mais
facil explicar ao CFE a existencia da COPPE e o I. de Macromolecu-
las.

A oportunidade de fazer o diagnóstico e apurar as cau-
sas é ótima, porque a iniciativa parte de uma pessoa muito acima
dessas miserias, e de fato interessada pela Química como um todo. O

Prof. Claudio Costa Neto tem todos os requisitos para levantar a questão e propor soluções. Seria feliz se o que propõe o Prof. Claudio se concretizasse.

Ocorre que a solução proposta já foi tentada em 1962, quando da criação do I. de Química, e descartada porque contraria a filosofia e a letra da Lei 5.540 que diz expressamente ser a pesquisa inseparável do ensino de graduação e de pós-graduação, e que devem constituir um todo, agrupado em Departamentos ou em entidades de ensino. Assim, penso ser difícil institucionalizar já a proposta do Prof. Claudio. A ideia porém é boa, a intenção melhor, e devemos lutar por ela.

A meu ver, o primeiro passo, antes de mexer nas estruturas, é aproximar as pessoas. Realizar encontros, seminários, e atividades que reunam as pessoas de boa vontade e interessadas na Química.

Isto já foi feito antes. Em 1959, na Praia Vermelha, por ocasião do 25º aniversário da E. de Química foi promovida uma reunião que congregou professores da Escola e de outras unidades da então Universidade do Brasil, e até dos Estados. Outras reuniões se seguiram, patrocinadas pela Regional do Rio de Janeiro da ABQ e o CNPq. Foi o momento em que a atividade química esteve mais desenvolvida no país e nossa união mais forte. Circunstancias varias descontinuaram as reuniões e aquela união se desfez.

Acredito que aquele clima poderia ser reconstituído em torno de projetos comuns, principalmente ligados à pesquisa; modestos no principio e crescendo naturalmente pela adesão de interessados e bem longe de politicas e de grupos. Há entre nós idealismo

bastante para que isto ocorra. Até que os 50º anos da E. de Química constituem um bom motivo.

Conhecidas e ajustadas as pessoas, minimizados os desencontros e maximizados os interesses comuns, qualquer solução é fácil.

Agradeço a atenção de me ouvir e envio.

Cordiais saudações

A handwritten signature in cursive script, reading "Hebe Labarthe Martelli". The signature is written in black ink and is positioned centrally on the page.

Hebe Labarthe Martelli

O presente documento tem por objetivo registrar a análise e apreciação do signatário em relação a proposição elaborada pelo Professor Claudio Costa Netto, e a mim encaminhada pela A.Ex.A.

As observações que tenho a apresentar são as seguintes:

01 - se bem que a análise dos fatos passados contribuem pouco para as proposições futuras, é importante procurar compreender-se a evolução no campo técnico e também social do profissional formado pela Escola de Química. Como aconteceu em outras economias a Engenharia Química tinha que surgir necessariamente, sendo na sua fase inicial predominantemente mais Engenharia Química e menos Química. No campo social e no contexto brasileiro, a posição do "Engenheiro" foi, é, e será, durante muito tempo ainda, superior a posição social do "Químico", todos nós sabemos as razões que conduziram a essa diferenciação.

02 - a Escola de Química, como entidade, se notabilizou no ensino não da Química mas da Química Industrial, esta precursora histórica da Engenharia Química. De fato, houve um crescimento da Engenharia Química não acompanhado por equivalente crescimento dos Processos Químicos, as razões desse crescimento desigual estão explicadas acima.

03 - a criação do Instituto de Química, absolutamente não ocorreu por força do observado no item 02 acima, mas sim por uma malsinada reforma universitária que prejudicou profundamente a Escola de Química, talvez a unidade da UFRJ que tenha mais sofrido por essa infeliz reforma. Hoje, o que se ensina de Química no Instituto de Química para a Engenharia Química está, em boa parte, desentrosado com aquilo que precisamos num curso de Engenharia Química voltado para a Tecnologia Química.

04 - por todas essas razões, aconteceu o inevitável e a Química na UFRJ, acha-se, de fato dispersa, perdida, desentrosada, talvez pior ainda do que foi observado pelo Prof. Costa Netto. Apesar de tudo a Escola de Química continua, no entanto, a ter um certo prestígio.

05 - alguma coisa deve ser feita de forma a restituir à Escola de Química o seu padrão de ensino e renome no ensino, pesquisa e serviços relacionados à Química, principalmente a Tecnológica que é a sua finalidade.

06 - o melhor caminho para atingir este objetivo é que passa a ser o problema central.

07 - a proposição do Prof. Costa Netto além de ter alguns pontos obscuros (os professores poderiam fazer pesquisa e prestar serviços técnicos, por exemplo ?) (como ficaria o sempre existente problema da dupla administração, professores de um lado, pesquisadores de outro, mas todos envolvidos no ensino ?) (e o Programa de Engenharia Química da COPPE como ficaria ?) e outros tantos problemas que, creio, poderiam ser esclarecidos em um debate mais amplo.

08 - a proposição apresentada é ampla e ambiciosa e conflita frontalmente com a atualidade econômica do País e da própria UFRJ. O seu tempo de realização seria demasiadamente longo para esperarmos as inovações que precisamos introduzir urgentemente no ensino da Engenharia Química na Escola de Química, onde se torna indispensável a participação do I.Q.

09 - face a urgência aludida, deveríamos nos propor um plano cuja eficácia e resultados estivessem mais consistentes com essa dupla realidade: a necessidade de urgentes modificações em uma conjuntura economicamente adversa.

10 - como fazer isto ? Creio que trabalhando dentro da estrutura existente (EQ, IQ) e com os recursos humanos e materiais disponíveis, e tendo sempre presente a necessidade indiscutível de passarmos a encarar o ensino dos Processos Químicos como uma necessidade urgente e inadiável. Para isto ter-se-ia que mexer nas disciplinas (programa e carga horária) tanto no Ciclo Profissional, quanto no Ciclo Básico (IQ, IF, IM).

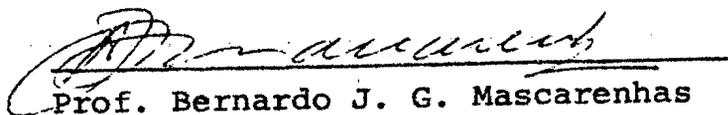
11 - estou certo de que na medida que revelarmos o firme propósito de redirecionar o ensino da Engenharia Química para os Processos Químicos, ganharemos em confiança e teremos maior crédito para pleitearmos modificações de maior amplitude como aquelas sugeridas pelo Prof. Costa Netto.

12 - enquanto houver o total desencontro entre o ensino da Engenharia Química no Ciclo Profissional e o ensino ministrado pelos Institutos Básicos, jamais chegaremos à qualidade de ensino que estamos nos propondo realizar. Aqui cabem as perguntas: até que ponto os Institutos Básicos estariam efetivamente dispostos a ministrar o ensino de suas disciplinas de forma condizente com o que se necessita para um bom ensino da Engenharia Química voltada para os Processos Químicos ? Existe na UFRJ condições administrativas para se implementar novas idéias nesta primeira linha de ação ? As respostas a estas duas simples perguntas já seriam suficientes para definir o diagnóstico da nossa realidade na UFRJ, e conjecturarmos sobre a oportunidade de continuarmos a debater, agora, as proposições do Prof. Costa Netto.

13 - em síntese, acredito ser mais oportuno, eficaz e apropriado discutirmos, debatermos, sobre o ensino da Engenharia Química na nossa realidade da UFRJ e partirmos para proposições objetivas para implantarmos as inovações necessárias, tanto na Escola de Química, quanto no Instituto de Química e também nos Institutos de Física e Matemática. Fora disso, creio, estaremos trabalhando em proposições utópicas bem distante da nossa limitada realidade.

2

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1983


Prof. Bernardo J. G. Mascarenhas

Eng. Alvaro Sá, Presidente
Associação Ex-Alunos da Escola de Química-UFRJ
C/O DYNA ENGENHARIA
Avenida Pedro II, 311
20941 - Rio de Janeiro, RJ

Ref.: Ensino da Química na UFRJ

Meu caro Alvaro Sá

Acho legítima a preocupação do Claudio Costa Neto com o ensino da Química na UFRJ. Aqui vão algumas sugestões sobre esse assunto:

- 1) Cuidar da intensidade e da qualidade das disciplinas de graduação da área química (principalmente das de química tecnológica) do curso de engenharia química da Escola de Química da UFRJ. Esses cursos devem ser ministrados por professores que, além de qualificados, devem trabalhar em tempo integral dedicados ao ensino e a pesquisa.
- 2) O Programa de Engenharia Química da COPPE deve melhor se capacitar para oferecer mais disciplinas e áreas de pesquisas relacionadas com os processos químicos.
- 3) Alunos do Programa de Engenharia Química da COPPE devem ser estimulados a cursarem disciplinas e a desenvolverem as suas teses nos institutos e demais órgãos da UFRJ onde se ensine química em todos os seus aspectos inclusive biológico. Para isso e outras providências no mesmo sentido, um intercâmbio mais ou menos formal deve ser estabelecido entre esses órgãos, estimulado e coordenado pelas Sub-Reitorias de Graduação e Pós-Graduação.
- 4) A profissão de Químico deve ser valorizada tendo em vista não só a evidente importância da química pura e da aplicada como também o ressurgimento da "velha" Química Industrial (vestida de roupagem nova) para a implantação e desenvolvimento de uma legítima indústria química brasileira. Neste ponto, a PETROBRAS deve ser chamada a desempenhar papel primordial, dando o devido valor ao Químico ao recrutar profissionais da química.

5) As quatro sugestões acima se constituirão num simples exercício de "faz de-conta" caso não seja satisfeita a seguinte condição prévia fundamental.

A qualidade do ensino e da pesquisa, principalmente nas áreas tecnológicas, é diretamente proporcional a demanda dos respectivos setores produtivos do país. Ora, desses setores, o mais prostituído é, sem dúvida, o da Indústria Química que, é quase totalmente baseado em tecnologias importadas e re-importadas utilizadas não só pelas multinacionais como pelas empresas privadas e até estatais. Face esse modelo econômico aberto (escancarado) a penetração estrangeira, adotado pela atual política brasileira, a demanda desestimula a geração interna de tecnologia química e frustra químicos e engenheiros químicos de todos os níveis.

Cordialmente,

H. P. Coimbra

CC: Prof. Julio Massarani (COPPE)
Dr. Luiz Paulo Cardoso Bardy (FINEP)
Profa. Heloisa Mano (UFRJ)
Prof. Afonso Seabra (UFRJ)

Of. 08

04 Abril 1983

Ilmo. Sr.
Dr. Álvaro Sá
D.D. Presidente da Associação dos Ex-Alunos da
Escola de Química da UFRJ
Rua Evaristo da Veiga, nº 16 - Sala 802
Centro - Rio de Janeiro - RJ.
Cep. 20031

Caro Álvaro,

Foi muito além das minhas expectativas o resultado da primeira reunião que tivemos para tratar da "arrumação" da química na Universidade. A forma como o assunto tocou as pessoas interessadas na melhoria das condições de ensino na Universidade e também o modo pela qual estas mesmas pessoas encararam a necessidade de uma evolução da situação atual, me deixaram certo que a sua iniciativa de promover esta reunião veio de encontro ao interesse de uma parcela importante da comunidade de químicos.

Naquela reunião fiquei com a incumbência de esclarecer e complementar alguns pontos que ficaram pouco claros na minha carta anterior, o que passo a fazê-lo.

O item mais controvertido, foi, sem dúvida, a interpretação dada à minha colocação do problema ensino/pesquisa, na nova estrutura.

No documento original, o que eu fiz, foi alocar a *coordenação administrativa* do Ensino à Escola de Química e a de pesquisa aos Institutos. Não houve - nem poderia haver - nenhuma intenção de separar o ensino da pesquisa. É muito fácil ver como funcionaria esta estrutura se olharmos para a atual estrutura administrativa, por exemplo, do Instituto de Química: ele tem uma Diretoria Adjunta de Graduação (e a secretaria correspondente), que trata de todos os assuntos referentes à área de graduação (ensino, matrículas, horários de aulas e provas, salas de aulas etc.). Já a Diretoria Adjunta de Pós-Graduação se preocupa com a administração de ensino da pós-graduação. É preciso que se note que esta Diretoria Adjunta não tem qualquer interferência, de qualquer ordem ou natureza, nos assuntos ou projetos de pesquisa;

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

O exemplo mais claro disso é o que se passa com os auxílios concedidos ao Instituto de Química pela FINEP, alocados especificamente a programas de pesquisa e que nada tem a ver com esta Diretoria Adjunta. O que ela faz é, na verdade, uma administração do ensino da pós-graduação até o nível de tese; e neste nível e ela se limita a receber a tese e tratar de assuntos referentes a homologação de bancas e coisas correlatas. São apenas medidas administrativas. Nesse ponto é que eu achei que estas duas secretarias, por tratarem de assuntos absolutamente comuns, poderiam estar sob um comando unificado que seria a Escola de Química. Obviamente, na sua estrutura final, a Escola teria uma parte que trataria da graduação e outra que trataria da pós-graduação. A parte referente à pós-graduação poderia ser subdividida ainda em setores, como, por exemplo, um que tratasse da pós-graduação *sensu strictu* (o que conduz ao mestrado e/ou doutorado) e outro que tratasse da pós-graduação *sensu latu* (cursos de aperfeiçoamento, extensão, reciclagem para professores, cursos para a indústria etc.), atividades para graduados em química de extrema importância e necessidade e que por falta de uma estrutura conveniente, temos deixado de fora. Estes cursos, poderiam, inclusive, trazer recursos suplementares para a instituição.

A pesquisa e o ensino andam juntos no que concerne o trabalho de tese - que é feito nos laboratórios de pesquisa - e a contribuição dos professores pesquisadores ao ensino (que se dá tanto na pós-graduação quanto na graduação). Na minha carta, eu ratificava esta situação de ensino e pesquisa uma vez que definia, de forma nítida, uma estrutura para o ensino e para a pesquisa, indo mais longe ainda, pois, tornava homogênea a distribuição das atividades didáticas por todo o corpo de professores de química da Universidade, coisa que atualmente não é feita: os atuais Institutos de Pesquisa, conquanto cumpram uma certa carga didática, o fazem, "por favor", aos Institutos básicos; enquanto isso, estes têm uma carga horária de ensino altíssima. O DQO do Instituto de Química, por exemplo, exige do seu corpo docente, atualmente, 12 horas (média) de aulas por semana, muito superior a qualquer dos Institutos de Pesquisa. Acredito até que os mencionados Institutos se sentirão "prejudicados" nas suas atividades com esta "democratização" do trabalho de ensino na Universidade, mas acho que este é o único caminho a trilhar.

Reconheço que a redação do texto original referente a este tópi-
co deva ter ficado mesmo pouco clara, pois, se na reunião da
Congregação do Instituto de Química no dia 19 de abril em que
foi levantado o assunto, um grupo de professores concordava com
as proposições enunciadas, outro levantava questões que podem
ser resumidas com o comentário da Profa. Anita Panek de que "não
li (o documento) e não concordo (com a separação do ensino da
pesquisa)".

Gostaria de deixar claro que a proposta inicial estabelece uma
distribuição *administrativa* de tarefas de ensino e de pesquisa,
num organismo integrado. Assim é que a administração do ensino
ficaria sob o patrocínio da Escola de Química enquanto que a admi-
nistração e a condução da pesquisa ficaria sob o patrocínio dos
Institutos especializados. O elo de ligação entre estas "secre-
tarias" é o *professor* que é comum às duas.

O segundo item a comentar diz respeito ao conceito do *Centro de
Química*.

É fato que eu mencionei naquela reunião que não dei, realmente,
muita importância, inicialmente, ao organismo "Centro de Quími-
ca". A sugestão para a existência desse centro foi baseada nu-
ma necessidade de situar os diversos segmentos da química exis-
tentes na Universidade vinculados a diferentes "centros". En-
tretanto, para surpresa minha, o termo Centro de Química é o
que está sendo usado para caracterizar toda a minha proposta. As
diversas pessoas que vieram discutir comigo o assunto da carta,
e na própria reunião da Congregação do Instituto de Química men-
cionada, emergia sempre como resultante o problema da formação
do "Centro". Na verdade, no início - como disse - não dei mui-
ta importância ao "Centro"; custei mesmo a aceitar que o "Cen-
tro" fosse uma parte importante do projeto. Para mim, o mais im-
portante era a integração de todos os órgãos de química da Uni-
versidade que seriam então regidos por um "Conselho Superior".
Entretanto, com o passar desses 15 dias e pensando mais sobre o
assunto, sinto que a idéia do Centro está realmente tomando cor-
po. Concordo que se diga que ela tem problemas para a sua im-
plantação na atual estrutura universitária. Mas, de novo, acho
que este é o caminho a ser trilhado hoje. Realmente se for pos-

sível colocar a química num organismo mais fácil de ser visualizado do que o conselho que sugeri inicialmente, a idéia da integração torna-se muito mais viável. E se esta for a melhor solução para a integração da química na Universidade, os óbices burocráticos devem ser vencidos. Os representantes da comunidade de química presentes à reunião do dia 20 de abril deram bem prova da disposição de implantar tal estrutura quaisquer que fossem as dificuldades a serem vencidas. O Centro de Química seria, portanto, um organismo que congregaria toda a química da Universidade até ao nível físico, onde poder-se-ia pensar na construção de um "complexo de química" com instalações apropriadas ao ensino da química (prédios de sala de aulas, salas adequadas a demonstrações etc.) e à pesquisa (laboratórios modernos, centrais analíticas e de serviço, área para implantação de usinas piloto etc.) em fim, um programa completo para a implantação da química ao nível esperado de uma UFRJ e das necessidades do país.

A discussão sobre o "Centro de Química" nos leva ao 3º item desta carta, que diz respeito à proposta do Prof. Horácio Macedo, sobre um substitutivo para a proposta do Centro: a fusão Escola de Química-Instituto de Química. Eu gostaria de dizer, neste ponto, que esta proposta me parece um tanto simplista nos objetivos que ela poderá atingir. Eu acredito - e aceito - que o ponto de vista do Prof. Horácio, com esta proposta, fosse o de iniciar o processo de reforma de uma forma mais simples. Mas acho também que uma primeira etapa como esta jamais concretizará o objetivo que pretendemos que é o de juntar a química da Universidade. De início, acho que as atuais estruturas da Escola e do Instituto, que já estão suficientemente estabelecidas, não permitirão um simples (?) processo de fusão. Se muitos de nós pertencemos às duas instituições (eu por exemplo, sou formado pela Escola de Química e dela fui professor; do Instituto de Química fui "sócio-fundador" e sou, presentemente, "sócio-atleta"), muitos dos atuais professores, em ambas as instituições, nunca pertenceram à outra. Instala-se, portanto, o primeiro dilema: Quem vai "engolir" quem? Observe que na minha proposta do Centro nenhum dos órgãos existentes desapareceria mas seriam apenas rearrumados nos seus objetivos.

A simples fusão IQ-EQ deixaria de fora os outros institutos de química da UFRJ como IMA, NPPN etc. que ficariam ligadas aos cen

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

tros onde estão, e, portanto, perpetuando o problema atual do isolamento. Chego até a recear que a simples fusão IQ-EQ possa piorar a situação atual, isto é, fazer com que a "emenda piore o soneto" porque, na verdade, com este esquema só estaremos "botando mais gatos num mesmo saco"! Perdoe-me o Prof. Horácio por estas observações, mas a proposta da fusão, não me parece que venha trazer nenhum componente moderno à solução do problema; a simples volta ao passado não estimula a reforma pois não é uma situação condizente com a própria evolução das coisas.

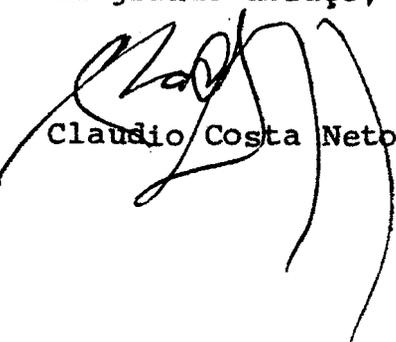
Desta forma, parece-me agora que - talvez por pensar mais profundamente na proposta apresentada pelo Prof. Horácio - a estruturação da química na UFRJ deve caminhar como um todo para o Centro de Química e que esta reestruturação deva ser feita agora. Esse meu último grifo se justifica em razão da notícia publicada no Jornal do Brasil de 27 de abril, sob o título "Rio define política para desenvolver tecnologia" que começa dizendo que "informática, álcoolquímica e química fina foram segmentos industriais eleitos como prioritários no programa de desenvolvimento tecnológico do PROMOTEC-RIO, sociedade integrada por entidades empresariais, órgãos de pesquisas estaduais e federais e pelo Governo do Estado do Rio". Os representantes da PROMOTEC são a "Associação Comercial, Federação das Indústrias do Estado do Rio, COPPE, PUC, CODIN, CNPq, Secretaria de Indústria e Comércio e Tecnologia além das empresas Cauri Sigma S/A., Tintas e Resinas e ABC Telettra". Dos três itens escolhidos como prioritários, dois são de química: álcoolquímica e química fina. Por que a Escola ou o Instituto de Química da UFRJ não estão presentes na lista das instituições integradas neste programa? Onde estão os outros Institutos de Química da UFRJ? A COPPE, a rigor, se preocupa com a engenharia química, mas não com a química. Isto mostra bem o grau de marginalização da química na UFRJ, como elemento social. A UFRJ tem uma química forte sabemos, mas, pulverizada, ela é colocada à margem na chamada para a solução dos problemas sociais da comunidade. É importante que todos os órgãos de química se reúnam num organismo para ganhar momento e poder enfrentar os problemas da sociedade brasileira e, mais particularmente, da sociedade local (Estado do Rio). Desta forma, eu acredito que a

tros onde estão, e, portanto, perpetuando o problema atual do isolamento. Chego até a recear que a simples fusão IQ-EQ possa piorar a situação atual, isto é, fazer com que a "emenda piore o soneto" porque, na verdade, com este esquema só estaremos "botando mais gatos num mesmo saco"! Perdoe-me o Prof. Horácio por estas observações, mas a proposta da fusão, não me parece que venha trazer nenhum componente moderno à solução do problema; a simples volta ao passado não estimula a reforma pois não é uma situação condizente com a própria evolução das coisas.

Desta forma, parece-me agora que - talvez por pensar mais profundamente na proposta apresentada pelo Prof. Horácio - a estruturação da química na UFRJ deve caminhar como um todo para o Centro de Química e que esta reestruturação deva ser feita *agora*. Esse meu último grifo se justifica em razão da notícia publicada no Jornal do Brasil de 27 de abril, sob o título "Rio define política para desenvolver tecnologia" que começa dizendo que "informática, *alcoolquímica* e *química fina* foram segmentos industriais eleitos como prioritários no programa de desenvolvimento tecnológico do PROMOTEC-RIO, sociedade integrada por entidades empresariais, órgãos de pesquisas estaduais e federais e pelo Governo do Estado do Rio". Os representantes da PROMOTEC são a "Associação Comercial, Federação das Indústrias do Estado do Rio, COPPE, PUC, CODIN, CNPq, Secretaria de Indústria e Comércio e Tecnologia além das empresas Cauri Sigma S/A., Tintas e Resinas e ABC Telettra". Dos três itens escolhidos como prioritários, dois são de química: *alcoolquímica* e *química fina*. Por que a Escola ou o Instituto de Química da UFRJ não estão presentes na lista das instituições integradas neste programa? Onde estão os outros Institutos de Química da UFRJ? A COPPE, a rigor, se preocupa com a engenharia química, mas não com a química. Isto mostra bem o grau de marginalização da química na UFRJ, como elemento social. A UFRJ tem uma química forte sabemos, mas, pulverizada, ela é colocada à margem na chamada para a solução dos problemas sociais da comunidade. É importante que todos os órgãos de química se reúnam num organismo para ganhar momento e poder enfrentar os problemas da sociedade brasileira e, mais particularmente, da sociedade local (Estado do Rio). Desta forma, eu acredito que a

implantação do Centro de Química, idéia inicialmente um pouco o
bscura, é hoje perfeitamente clara, e, acho mais, que é a solu-
ção que deve ser perseguida no prazo mais curto se quisermos ter
uma química na UFRJ capaz de se impor definitivamente como um e-
lemento social importante para as suas finalidades que deve ser
a de servir diretamente, e num prazo mínimo possível, a socieda-
de brasileira.

Um grande abraço,



Claudio Costa Neto

CCN/dgn.